

# CRÍTICA LITERÁRIA

**H**Á no nosso neo-realismo mais naturalismo, no sentido que Lukacs atribui ao termo que propriamente realismo. E é isso que explica a relativa conciliação do conceito de realismo social, ou realismo crítico, devido ao autor da Significação Presente do Realismo Crítico, com o conceito de realismo tout court, que no fundo sempre foi o nosso, pelo menos em matéria de literatura de ficção. O neo-realismo ou neo-naturalismo sempre se nos apresentou como um ponto de vista sobre a realidade muito mais romântico que realista. E se, em verdade, adentro da filosofia literária do novo teorizador não há lugar para romantismos, isso só quer dizer que se considera condenada essa espécie de convencionalismo ou de tipismo, digamos, que enche as páginas do romance neo-realista português, pelo menos na sua primeira fase. Se o neo-realismo tivesse sido desde as suas primeiras manifestações verdadeiro neo-realismo — visão objectiva da realidade — nunca o teríamos hostilizado nem nunca lhe teríamos negado o nosso aplauso. As obras verdadeiras cabem por igual na perspectiva de um realismo crítico como o concebe Lukacs e na perspectiva de um realismo, puro e simples, como sempre o concebeu o autor destas linhas.

Este preambulo pareceu-nos indispensável para explicar a nossa posição diante da obra de José Cardoso Pires, que, ao publicar em 1946 o seu primeiro livro — Caminheiros e Outros Contos —, imediatamente se nos impôs como um dos mais extraordinários contistas realistas da

★ **JOGOS DE AZAR, contos**  
 ★ **O HÓSPEDE DE JOB, romance**  
 por **JOSÉ CARDOSO PIRES**

nova fase da literatura portuguesa. Realistas chamo aos seus contos e realista chamo, de maneira geral, à literatura de ficção de José Cardoso Pires, realista não neo-realista, porque, se há entre os nossos neo-realistas algum escritor de ficção cla-

POR  
**JOÃO GASPAR SIMÕES**

ramente antimaturalista ou anti-romântico, o autor desse admirável diagnóstico do nosso romantismo, «andaço de bezigas», como lhe chamou Garrett, que se intitula Cartilha do Marialva, é esse escritor.

Como não havia eu de saudar imediatamente como contista de gema o autor dessas páginas flagrantes que eram os trechos de Caminheiros? Quando me recusara eu a bater palmas diante de um escritor de estirpe capaz de nos dar da realidade — fosse ela social ou não social — uma perspectiva tão impressionante? Mas José Cardoso Pires, publicada que foi essa sua primeira colecção de contos, emudece. So em 1952 volta à liça com outro livro de contos, hoje fora do mercado, Histórias de Amor. Mais seis anos decorrem. Em 1958 aparece o seu terceiro livro, desta vez um romance — romance? —, a história ao mesmo tempo realista e poética

que se intitula O Anjo Ancorado. Principia, então uma fase de maior actividade. Em 1960 dá à estampa dois livros: uma peça de teatro, O Renter dos Heróis, e um ensaio, a citada Cartilha do Marialva. E, ao que parece, para maior proveito de todos nós, que muito o admiramos e das letras nacionais, que bem precisamos de valores como o seu, José Cardoso Pires decidiu-se a não abandonar o tablado das letras. Em 1961 organiza uma edição refundida dos seus contos, a que dá o título de Jogos de Azar, e brinda-nos com um novo romance — romance? — O Hóspede de Job. A Editorial Arcádia parece disposta a prestar mais um bom serviço às letras portuguesas. E' preciso, de facto, que José Cardoso Pires não volte a interromper a sua carreira. Estamos diante de um dos escritores mais notáveis da nossa literatura de ficção desta segunda metade do século. Grande prosador — ia a dizer, mas arrependi-me —, José Cardoso Pires é, talvez, um dos primeiros escritores portugueses do nosso tempo que, sendo, em verdade, um grande e autêntico prosador, não nos anima a considerá-lo como tal, amputando-o de qualquer coisa de tão essencial na sua individualidade literária que por assim dizer sem isso, sem essa qualquer coisa de essencial, a sua prosa deixa de ter sentido. Sim, e honra lhe seja, o prosador José Cardoso Pires pertence tão intrinsecamente ao ficcionista José Cardoso Pires que ficção e prosa, invenção e estilo, realidade e interpretação linguística, constituem nele um todo indissolúvel. Creio poder adiantar mesmo mais alguma coisa: em José Cardoso Pires vejo realizar-se nas letras portuguesas uma das raras, raríssimas, integrações totais da realidade na prosa que a exprime. Aquele sentimento que nos toma quando olhamos para um aquário onde se nos exibem espécies marinhas das profundidades, ficando sem saber que mais admirar, se as formas vivas que se agitam diante dos nossos olhos, se o artifício da parede de vidro que nos deixa em contacto com as profundezas do mar, como se em verdade essa parede lá não estivesse — eis o sentimento que se apodera de nós ao lermos os contos e os romances de José Cardoso Pires. Trata-se de qualquer coisa de novo na prosa portuguesa. Já experimentáramos este sentimento ao ler grandes escritores estrangeiros, especialmente ingleses. Foi Joseph Conrad, o autor de Typhoon, quem no-lo fez sentir primeiro. A força, a sugestão, a visão da coisa vista ou revelada não nos permite fixarmos o elemento material utilizado, para no-lo revelar, e com pesar quase, seguimos para diante, arrastados pela acção, conquistados pela visão do real. O que quer que seja de muito belo e de muito digno de ser apreciado em si mesmo, independentemente daquilo que serve para aquilo que nos faz ver, perpassa diante de nós sem que realmente possamos fruir. Em Conrad, sempre, em Hemingway, quase sempre em Faulkner, algumas vezes, e, de maneira geral, em Caldwell, grandes realistas norte-americanos, não deparamos com este mesmo processo integrador da realidade numa forma literária bela em si, mas de tal modo referenciada ao real que que nos angustia. Agitados entre a prosa e a realidade, a literatura e a vida, é quase de sofrimento a nossa posição.

Se alguém tivesse dúvidas sobre a importância da prosa ou do estilo na obra de José Cardoso Pires, mais não tinha que reparar no escrupulo com que ele escolhe, elimina e refaz as suas obras. Estes Jogos de Azar são a prova do que dizemos. E o seu autor é tão consciente do que significa para ele o «artesanato literário» que confessa, no prefácio da obra, onde reúne a selecção dos seus contos até 1963, ter pensado chamar ao seu livro Visita à Oficina. Aliás, no próprio título o explica ele desta maneira: «Jogo de azar é, pois, o palpito, o pressentimento a sorte de intuição com que todo o narrador, bom ou mau, estabelece certas relações para definir a natureza». E se ficamos por aqui, se não acompanhamos no complemento desta explicação, é porque em geral, José Cardoso Pires, quando principia a explicar-se e a explicar a sua obra, seduzido pelo seu talento de prosador, acaba, não poucas vezes, por fabricar uma realidade que já não é a realidade real, digamos. E isso me parece, de algum modo, a sobrevivência neste escritor tão objectivamente realista da ancestralidade romântica por ele condenada na Cartilha do Marialva. A ambiguidade da sua posição pe-



«Procissão» — Óleo de Lima de Freitas, que expõe na Sociedade Nacional de Belas-Artes

ACABA DE SAIR

## Colecção Nosso Mundo

1 — O RAPAZ DO ARQUIPELAGO de N. Lavolle  
 Aventuras - Novelas

2 — A RÁ SALTADORA — Contos de

Anne Frank, Sônia de Mello Breyner, Miguel Torga, Mark Twain, Monteiro Lobato, Selma Lagerloff, Kath. Mansfield

UMA COLEÇÃO PARA A JUVENTUDE PORTUGUESA

A venda nas Livrarias. Preço 15\$00

LIVRARIA SAMPEDRO EDITORA

Pr. Restauradores, 65 — Lisboa

AMANHÃ, EM TODAS AS LIVRARIAS

José Cardoso Pires

# O HÓSPEDE DE JOB



UM ROMANCE DE CATEGORIA INTERNACIONAL

(Continua na 8.ª página)

# CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuado da 7.<sup>a</sup> página)

rante o real agrava-se, complica-se, atinge, por vezes, certa margem de insegurança, por isso mesmo, porque José Cardoso Pires, sendo um prosador de raça, um artista da palavra dos mais notáveis com que conta hoje em dia a nossa literatura, a cada passo se deixa tentar pelo demónio que o habita. A realidade, a vigilância rigorosa da realidade, eis a única forma de evitar que a voz do sangue cale a voz da razão, que a prodigiosa arte de contar deste grande contista se não veja subvertida pela sua prodigiosa arte de escrever.

E aqui estamos diante do problema que nos puseram já o seu romance — romance? — O Anjo Ancorado e a sua peça de teatro — peça de teatro? — O Render dos Heróis. Aqui estamos diante do problema que ora nos põe o seu novo romance — romance? — O Hóspede de Job. Obras de qualidade excepcional, quer os seus romances, quer a sua peça de teatro, despertam em nós uma angustia que as obras-primas do conto que são os trechos de Jogos de Azar — todos ou quase todos, desde essa página de uma verdade como outra não conheço mais verdadeira na história da nossa novelística que é Carta a Garcia, até a essa prodigiosa fantasmagoria, que vale todo o Raul Brandão, intitulada Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos, a essa quase elíptica sugestão de inqualificável vulgaridade quotidiana do casamento que é Uma Simples Flor nos Teus Cabelos ou a essa delicada página de amor dividido que é Week-End, ou ainda a essa terrível saturnal de fogo que é a Estrada 43 — não despertam, pela simples razão de que neles a ambiguidade prosa-real, arte literária-evocação da realidade constituem

um todo perfeito, harmonioso, acabado, rigoroso. José Cardoso Pires, como certos poetas que só no soneto dão tudo quanto deles se espera, até agora, pelo menos, no conto nos dá tudo quanto temos o direito a esperar dele. Ai podemos considerá-lo desde já um mestre. Em Jogos de Azar há contos dos mais fortes, dos mais impressionantes, dos mais rigorosamente reais de toda a nossa literatura.

Mas no romance? Romance? A interrogação que fui adicionando á palavra consagrada para definir uma espécie de narrativa em prosa de certa extensão, como diria Forster, essa interrogação só quer dizer que os romances de José Cardoso Pires, inclusivamente este ultimo, O Hóspede de Job, para nós, que temos do romance uma certa ideia, não rígida, não exclusiva, não intransigente, mas de certo modo definida, não são propriamente romances: são ainda contos, contos ou novelas, de uma extensão mais considerável. E por isso mesmo, porque neles Cardoso Pires, liberto das contraindicações do conto, á vontade para se expandir, não pode evitar que a ancestralidade romantica faça a sua aparição, aí o Cardoso Pires que se nos oferece é um Cardoso Pires grande escritor, admirável narrador, prosador admirável, é certo, mas já não esse duro, austero, rigoroso, contista que escreve obras-primas como qualquer grande escritor da estirpe de Hemingway ou de Faulkner, de Caldwell ou de Katherine Ann Porter. Se não vejo quem entre nós rivalize com ele como contista — vejo quem, como romancista, lhe não fique atrás. Não é preciso falarmos em neo-realismo para dar aqui o seu a seu dono. José Cardoso Pires não é neo-realista — é muito simplesmente um grande escritor.

JOÃO GASPAR SIMÕES